

1 Apresentação

A aproximação com o campo de estudo da presente pesquisa foi um desdobramento natural da minha trajetória profissional. Trabalho desde 1994 com Educação a Distância e presenciei, em meu cotidiano, como a incorporação da Internet nas programações de Educação a Distância trouxe novo fôlego para a referida metodologia. Desde o início dos anos 90 percebia-se nas publicações internacionais essa movimentação, mas somente no final da década foi possível observá-la no Brasil, com alguma consistência.

Quando se trata de Educação a Distância, o sujeito para o qual se dirige nossa ação educativa não se encontra ao alcance dos olhos. Se o Outro é um mistério, por princípio, o que dirá do outro cujo olhar não encontra o nosso, e cujo conhecimento se constrói somente a partir do que ele escolhe expressar. A idéia de saber quem estava do lado de lá foi para mim sempre instigante.

Eu nunca imaginara, contudo, fazer uma pesquisa quantitativa. Na minha representação de pesquisa estava a possibilidade de escutar o outro, observar o timbre de sua voz e conversar longamente sem tirar os olhos dos seus, enquanto minha mão incansável registraria em um bloco de anotações, cuidadosamente comprado com este propósito, cada palavra, cada hesitação, cada pausa de meu interlocutor. Mas, sabe-se lá, por mais contraditória que possa parecer, a idéia de conhecer apenas alguns estudantes era inquietante. Eu queria conhecer uma porção. Desconhecemos uma caracterização clara dos sujeitos que optam por estudar on-line, desconhecemos, o grupo dos alunos virtuais. Passei a pensá-los como uma população, que provavelmente compartilharia de algumas características de ser e de aprender. Ou não. Foi então que eu percebi que caminhava rumo a uma pesquisa quantitativa. Passava a fazer mais sentido, em um primeiro momento — e primeiro momento, no tempo exíguo do mestrado, significa a pesquisa toda — buscar um panorama dessa realidade, uma foto da paisagem. Traçados os primeiros contornos, já teremos dado um passo importante.

Em momento futuro, outros estudos podem contribuir no sentido de conhecer esta realidade em profundidade.

Não me sentiria à vontade em prosseguir sem antes contar mais uma coisa. Todos sabem que a penetração da Internet no Brasil ainda é muito pequena. As últimas pesquisas referem-se a um número de usuários bastante baixo (Ibope, 2004)¹. A exclusão digital é uma realidade esmagadora (Fundação Getúlio Vargas, 2003). Perante a qual não enfraqueço. E nem os incontáveis profissionais que trabalham nas inúmeras iniciativas de infoinclusão. A discussão a respeito da democratização da Internet não pode se restringir ao direito à ampla possibilidade de uso da mesma, mas à possibilidade de uso da mesma por um público amplo. Diferentes setores da sociedade civil, bem como o Governo, através da política pública de inclusão digital (Brasil, 2005), estão engajados, em alguma medida, nesta causa. E muito provavelmente, a exemplo de outras mídias, que vão chegando, chegando, e um dia observamos que chegaram, não há de ser diferente com a Internet. E quando isto acontecer, vai ser muito bom se tivermos as nossas estatísticas, o nosso conhecimento acumulado. E pudermos enfrentar esta realidade a partir de nossos parâmetros e não exclusivamente a partir de informações geradas em outros idiomas. Se a Internet não é ainda uma realidade nacional, quando o futuro chegar aqui, que tenhamos chegado antes.

¹ A pesquisa mencionava a existência de apenas 12,02 milhões de internautas ativos (dados de setembro de 2004), apesar de 28 milhões de brasileiros (um em cada cinco) já terem utilizado a Internet ao menos uma vez (dados de julho de 2004). Pretto (2002) traz outra estimativa da população de usuários da Internet. Partindo de pesquisa realizada pelo Data Folha em 2001, menciona a existência, naquela época, de quase 23 milhões de brasileiros conectados, incluindo os sujeitos que acessam a Internet a partir da escola.